

EDITORIAL

O CONTEMPORÂNEO NO LIMIAR DA PÓS-MODERNIDADE

Leandro Belinaso Guimarães*

“Hoje as guerras parecem mais pontuais,
quando no fundo são permanentes”.
(CARVALHO, 2006)

Foi um desafio receber o generoso convite de Marcos Reigota, ainda em 2008, para organizar um volume da “Revista de Estudos Universitários”. A dúvida pairava sobre o tema da edição que ficaria sob a minha responsabilidade. Minha sugestão foi a “Pós-Modernidade”, assunto que o conselho editorial acolheu sem ressalvas. Sou grato, antes de tudo, pelo convite e pelo aceite da temática.

Aliás, a pós-modernidade seria, simplesmente, um tema ou, ainda, uma questão, ou uma condição, ou um tempo histórico, ou uma expressão artística, ou um estado da cultura, ou um regime discursivo, ou um processo social, ou uma moda? No mínimo, e de saída, posso dizer que quando se é instado a escrever sobre pós-modernidade, controversas emergem, desconfortos se instauram, indagações são produzidas.

* Dr. em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina [www.ppge.ufsc.br]. Coord. do “Grupo Tecendo – Educação Ambiental e Estudos Culturais” [www.grupotecendo.com.br]. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Depto. de Metodologia de Ensino. Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476 – CED/MEN sala 21. Cep: 88040-900 Florianópolis, SC.
E-mail: lebelinaso@uol.com.br

Um movimento instável de escrita, repleto de incertezas, de criações, de pensamentos, de perguntas pode ser visto nos textos que estão reunidos nesta coletânea. A sensação é que cada um deles está lendo um pedaço, um fragmento do/a leitor/a, ou seja, escrevendo algo que tem relação com momentos importantes da vida que se vive, ou que se deixa viver, ou que se permite escapar. Interessante movimento provocado por uma temática tão controversa: não parece mais ser o/a leitor/a quem lê os textos aqui organizados e tecidos, cada um, a partir de múltiplos e diferentes fios. A sensação é que os artigos leem os/as leitores/as nos esvaziando de nós mesmos, nos mostrando outros modos de estar, de ser, de criar, de produzir, de inventar. Escrever sobre pós-modernidade parece exigir a suspensão do sujeito, não seu apagamento absoluto, mas sim seu descentramento, para o colocar, assim, em sintonia com o silêncio do mundo e suas sutilezas, suas alteridades, suas musicalidades, suas imagens, suas cores, suas vidas, suas infinitas possibilidades de hibridações.

Minha formação de pesquisador esteve pautada na escuta - desde os momentos em que estava na condição de aluno de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos meados dos anos 1990 - de que estaria em processo na segunda metade do século XX, no pensamento, na cultura, na arte, uma desestabilização dos pressupostos da Modernidade. Sendo assim, a própria educação, campo ao qual me enredei para aprender a estar sendo pesquisador, estaria assistindo a um certo esgotamento de suas vertentes críticas que por muito tempo hastearam (e seguem hasteando) as bandeiras da total emancipação e da plena liberdade. Ouvia, desde aqueles tempos, sobre o esgotamento das grandes narrativas totalizadoras sobre o mundo (LYOTARD, 2009) e, ainda, sobre o apagamento do sujeito centrado, autônomo, consciente, racional e passível de tomar as rédeas do mundo em suas mãos e transformá-lo completamente.

Os sólidos fundamentos, nos quais poderíamos balizar nossos pensamentos e condutas, pareciam ruir, o chão estaria a tremer desmoronando estruturas, o sujeito desaparecia acanhado. Além disso, a sociedade não estaria, na pós-modernidade, suportando continuar a ser organizada de cima para baixo, do centro para a periferia, de uma classe social para outra. O mundo gritaria por descentralização (e o mercado parece, hoje, escutar muito bem essa vontade), por multiplicidade, pelo aleatório característico, quem sabe, disso que se estaria sendo paulatinamente nomeado como pós-moderno, na “modernidade tardia” (JAMESON, 2005). Tais sensações e entendimentos não se dissiparam. Pelo contrário, vivemos no contemporâneo como se estivéssemos mergulhados em uma “vida líquida” (BAUMAN, 2007), cuja ênfase é o descarte, a mobilidade, a transitoriedade.

Nada mais moderno, quiçá, do que tentar apreender, nesse cenário, um conceito, uma noção, que talvez seja, somente, uma condição. E a Revista que você leitor/as

tem em mãos (ou na tela do computador) não pretende chegar a uma definição da pós-modernidade, a um esclarecimento, a uma transparência, a uma compreensão segura. Muitos de nós nos sentimos ávidos/as em tentar costurar algumas pistas, seja para entender o presente, seja para construí-lo, seja para inventá-lo a partir do que nos atravessa, nos constitui, nos subjetiva. Passou a ser impossível, para aqueles/as autores/as que aceitam um convite para pensar sobre, ou a partir de, ou com a pós-modernidade, escrever sobre o mundo, situando-se do lado de fora dele, de um confortável exterior. Aquilo que se escreve aqui nesta coletânea se escreve por entre o mundo e suas imagens, fissuras, palavras.

A política dos/nos textos reside não no controle dos pensamentos, das diferenças, das leituras. A agência política está na intensificação dos pensamentos, na produção de diferentes e indeterminados mundos, nas possibilidades infinitas das leituras desencadeadas pelas textualidades, atualizadas no contemporâneo, que nos atravessam. E ser contemporâneo não é aderir perfeitamente ao seu tempo, mas manter com ele uma relação dissociada, anacrônica, que permita ver, sem manter os olhos fixos, a época em que se vive. (AGAMBEN, 2009)

Este volume pretende passear por várias áreas, por vários temas, para que os/as leitores/as possam ser vistos, sutilmente, por textualidades costuradas nos limiares da pós-modernidade. Por eles e com eles, com os modos como os textos nos leem, vamos tecendo fragmentos de possibilidades de se pensar o pós-moderno. Estamos, desde já, em um espaço de fronteira e, em momento algum, podemos dizer com segurança que estamos entrando no território da pós-modernidade.

Aliás, será sobre o tempo (não cronológico) que farei a segunda costura dos artigos que agora passo a apresentar. Início, na primeira costura, mostrando como alguns textos, através da noção de hibridação cultural, se alinham aos embates pós-modernos contra, entre outras questões, as grandes narrativas a respeito do mundo. O foco destes artigos não está em usar um conceito generalista e universal tentando entender, a partir dele, diversos processos culturais, mas, pelo contrário, no modo singular, impreciso, inusitado de se articular eventos, situações, conceitos, sensações, para, a partir da articulação não-necessária operada no texto, provocar indagações cortantes e entendimentos improváveis. Por fim, na terceira costura dessa apresentação, mostro alguns artigos mergulhados em imagens e musicalidades para, através delas ou com elas, criar outros mundos. Será essa uma característica atual da pós-modernidade? Deixar um pouco de lado a interpretação, a significação, a representação, para provocar a criação de mundos até então inexistentes, improváveis, mas repletos de afetuosas convivências? Como instituir mundos repletos de carícias, sem aniquilamentos, nem controles sobre a vida que se deseja ser, intensamente, vivida?

PRIMEIRA COSTURA: TEMPOS DE HIBRIDAÇÃO

Bruno Latour (1994), em um instigante livro nos diz que nunca fomos modernos. Assim, como poderíamos seguir falando, então, em pós-modernidade? A Modernidade esteve pautada em estratégias de pureza, separando, mesmo dialeticamente em sua versão crítica, limpos e sujos, sujeitos e objetos, naturezas e culturas, sociedades e discursos. Entretanto, argumenta o autor, em razão mesmo dos processos de purificação, multiplicaram-se, silenciosamente, os híbridos, as monstruosidades, criações dos processos de tradução, misturas híbridas de naturezas e culturas. Assim, diz o autor, nunca fomos, completamente, modernos.

Nesta coletânea, Maria Lúcia Castagna Wortmann, no artigo: “Encontros interculturais, hibridações e pós-modernidade”, mostra algumas interessantes nuances do contraditório e conflitante conceito de hibridação cultural. A partir dos estudos culturais praticados desde a chamada América Latina, a autora mostra que está em curso um esmaecimento de fronteiras, até então bem assentadas na Modernidade, ou seja, entre o que se considerava ser cultura erudita, popular ou midiática (divisões construídas através das estratégias de purificação que comenta Bruno Latour). A partir de um espetáculo do grupo argentino “Bajofondo” (realizado em 2009 no prestigioso teatro São Pedro de Porto Alegre/RS), que mistura diferentes ritmos, inusitadas tecnologias sonoras, diversos estilos musicais, a pesquisadora tece saborosamente seus argumentos promovendo a desconstrução das oposições, que tanto marcaram os modos de ver o mundo na Modernidade.

No texto: “Notas (incertas) sobre teatro e pós-modernidade ou Gianecchini, Marighella e Genet tomando café em Pelotas”, Taís Ferreira nos convoca a pensar a pós-modernidade como algo que se vivencia. A autora apresenta, ao mesmo tempo com leveza e densidade, diferentes cenas teatrais ocorridas em 2009 na cidade sulista de Pelotas/RS, buscando, sem julgá-las como melhores ou piores, entendê-las como compostas por linhas díspares, por vezes complementares, produzidas a partir de processos de hibridação cultural. Em sua argumentação vão se mesclando, conflituosamente, cenas urbanas, ícones televisivos, movimentos sociais contestatórios, textos literários, espaços teatrais.

Paula Corrêa Henning, no ensaio intitulado “A Modernidade líquida e o borramento de fronteiras no campo das ciências”, também está interessada nesse movimento de análise em que as grandes narrativas e as polaridades vão sendo colocadas em xeque. No caso do artigo da pesquisadora, é a arena científica que passa a ser enfocada. Se a Modernidade sólida esteve envolvida na construção de fronteiras muito bem demarcadas entre modos distintos de produzir conhecimentos, estando a ciência, sempre e limpidamente, do lado da verdade, trata-se agora de buscar um outro

movimento, que talvez possamos até chamar de uma condição pós-moderna da vida líquida atual: o de borrar as fronteiras. Estas que estiveram fortemente em cena quando se tratou de pensar sobre as constituições da ciência na Modernidade.

Os três artigos acima mostram uma argumentação que vai sendo composta a partir da articulação de diferentes elementos que estão em jogo nas cenas e questões apresentadas e que são postas em evidência pelos olhares aguçados das pesquisadoras. Nessa mesma direção, o artigo de Mariângela Momo, intitulado “Mídia e consumo na produção da infância pós-moderna” nos ajuda a vislumbrar como o consumo, organizado em torno do desejo e não, apenas, da necessidade e, ainda, estimulado por muitos artefatos provenientes da mídia, participa dos processos de subjetivação atuais, produzindo, por exemplo, o que a autora chama de uma infância pós-moderna. Além disso, o artigo nos mostra um breve e interessante panorama dos debates que vêm sendo efetuados, pelas margens dos estudos culturais, com relação ao termo pós-moderno.

O artigo que fecha essa primeira costura da Revista chama-se “Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação”, de Pier Cesare Rivoltella e Monica Fantin. O texto analisa a sociedade multitela em que vivemos, na qual o espectador de artefatos culturais como a televisão passa a ser instituído não mais apenas como um consumidor de mensagens, mas um usuário particularizado de serviços. Nessa sociedade, o *zapping* televisivo, analisado em importante livro assinado por Beatriz Sarlo (1997), passa a ser multimidiático já que estamos em frente não mais somente da tela da televisão, mas das telas dos celulares, dos computadores, dos tocadores musicais, entre outros aparatos pós-modernos. Nessa conformação, os autores argumentam que as mídias digitais deixam de ser de massa para serem, agora, pessoais. Outro interessante aspecto colocado em questão no artigo é que as mídias digitais *exigem* um outro sujeito, que deixa de ser espectador para ser também produtor de mensagens. O artigo percorre, ainda, diferentes cenas escolares, nas quais crianças se mostram em interatividade, tecendo hibridações com as diversas mídias que marcam a sociedade multitela.

SEGUNDA COSTURA: TEMPOS DE CONTROLE

Gianni Vattimo (1996) argumenta que pensar o pós-moderno necessita uma escuta dos discursos provenientes das artes. Essa ressalva foi tomada por mim como importante na composição dos textos desta coletânea. Inclusive, já passeamos, na primeira costura dos textos, por um concerto musical e por cenas teatrais. Abriremos essa segunda costura falando um pouco de literatura.

Antes, gostaria de explicitar uma pergunta que componho a partir da leitura de um instigante livro de Vattimo (2002). Como a pós-modernidade poderia deixar escapar sua caracterização mais comum: a de ser vista como um momento histórico? Para o filósofo italiano, o pós-moderno coloca em questão, paradoxalmente talvez, um frescor de novidade que se colaria, quase sem querer, a ele mesmo. De longe, quando se ouve falar de pós-modernidade alguns de nós sentem um ar mais leve, mais fresco, mais perfumado, mais atual, mais envolvente. Entretanto, o pós-moderno coloca em questão, não de um modo completamente novo ou original - caminhando como se estivesse em pleno e claro ar, mas sem a sensação de vertigem (EAGLETON, 2005) - alguns alicerces da Modernidade, tais como: os ideais de novidade, de superação, de progresso, de fundamentação, de origem.

No artigo “Literatura e pós-modernidade”, Susana Scramim esgrima, perfurando, em sintonia com a arte, a noção de tempo histórico, linear e progressivo que fundou a Modernidade. Reside nesse argumento seu desconforto com o prefixo “pós”, da pós-modernidade. O pós-moderno não é visto, dessa forma, como uma superação das estratégias de poder que estiveram em operação na literatura moderna, mas como uma radicalização das mesmas, aprimorando os dispositivos de visibilidade e de controle. Nessa direção, a autora pergunta sobre como lidar com uma sociedade governada pela imagem. A pesquisadora sugere que derivações dessa indagação poderiam ser encontradas na arte, em uma, eu diria, postura pós-moderna, em que qualquer um de nós poderia se perceber artista, elegendo e reunindo uma coleção qualquer que produza efeitos sobre o mundo, sobre o pensamento e, sobretudo, sobre nós mesmos.

Sergio Augusto Vizzaccaro-Amaral, no artigo “Existência, vida e morte: do viver ao sobreviver”, também está preocupado, tal como o texto anterior, com as estratégias de poder na sociedade de controle. De forma muito interessante, o autor tece uma argumentação mostrando como o adoecimento (este estado que nos convoca ao limiar entre a vida e a morte) foi produzido pelas estratégias de governo das sociedades disciplinares, se contrapondo com a difusão, a diluição e a sutileza das maneiras de controlar o corpo (são outras as maneiras de disciplinar) e de se investir sobre a vida nos diagramas postos em operação na sociedade de controle. Nesses tempos atualizados, não seria mais somente a vida o foco dos investimentos biopolíticos do nosso tempo, mas, agora também, a sobrevida virtualmente infinita experimentada por corpos que teimam, mesmo sem querer, em ficar ligados (sobrevivendo) a inúmeros aparatos técnicos, o mais tempo possível. Viver, diz o autor, não necessariamente está relacionado com o tempo cronológico que se consegue existir (medido em rugas que se amenizam e em cabelos brancos que se tingem), mas com as criações, com as imprevisibilidades, os enfrentamentos do acaso, as mudanças inusitadas, as

intensidades que não desejam preservar um sempre mesmo estado de rebanho, de sobrevida.

O artigo de Wladimir Garcia, chamado “Pós-Modernidade e Diferença” também marca que o “pós” refere-se a uma não sequência, mas a uma coexistência, que indica uma relação de incompletude e de fértil transitividade. Como poderíamos nos alocar nas fissuras, nas rachaduras do moderno e sua lógica triunfante, evolutiva? Essa questão talvez nos mobilize, como provoca o pesquisador, por um estado não tagarela da cultura do “eu”, que oprime o “outro” por sua ânsia de controle e de hegemonia. A questão da diferença, nos diz o pesquisador, nos afasta do referente, do modelo a ser representado, do idêntico e nos mobiliza pelo infinito, pelo orgiaco, pela diferença que sempre escapa e produz diferenças.

Esse não reconhecimento das vozes que não sejam as próprias, as vozes de um “eu” incapaz da escuta dos demais, das marcas que deixam as outras palavras, os outros sons, os outros gestos, os outros anônimos rostos, é um dos pontos que mobilizam a escrita de Carlos Skliar no artigo “Del estar-juntos en educación y de los artificios de la convivencia”. Os discursos contemporâneos pela inclusão (linhas de controle atuantes no nosso tempo atual) solicitam, muitas vezes, uma convivência que possa manter uma prudente distância e uma tolerante aceitação. Porém, argumenta o autor, a convivência com os demais é jogada entre um limite e um contato. Não seria a convivência quem questionaria nossa presença e nossa existência no mundo? As questões sobre a convivência são pensadas pelo autor no decorrer do instigante artigo com relação à educação. Nessa direção, o pesquisador indaga: como educar sem desejar mudar o outro, sem pretender deixá-lo alheio a sua alteridade?

TERCEIRA COSTURA: TEMPOS DE INVENÇÃO

Os textos que fecham o dossiê deslizam entre o desejo de fuga da representação, do espelhamento da realidade, da centralidade posta, muitas vezes, no olhar do sujeito para o mundo. A tentativa é uma abertura ao acontecimento, à invenção de mundos improváveis, mundos outros, produzidos através dos jogos da diferença e não na apreensão do significado, da identidade. Por entre imagens e musicalidades, os autores encontram-se com a arte fotográfica, cinematográfica e musical.

No texto “Deslizes pelas superfícies do acontecimento fotográfico”, Alik Wunder e Susana Dias, pensam a imagem de alguns artistas brasileiros (Rosângela Rennó, Alexandre Órion e Paula Trope) no interior da própria imagem. A fotografia não é tomada, nem como espelho do real, nem como representação de um sujeito, mas, sim, como imagem que acontece na sua própria superfície. Há uma aposta na argumentação das autoras de que a matéria fotográfica possa desvincular-se

da função de representar e movimentar-se, assim, pela atualização das potências criativas, pela instauração de devires, pela proliferação de outros mundos. Nessa direção, o texto foge da intencionalidade de retidão e aprisionamento dos sentidos, atualizando o fotógrafo como um manipulador, não de imagens do mundo, mas de imagens-mundo.

Alda Romaguera, Pamela Oda e Antonio Carlos Amorim, no artigo “*Em imagens, tempo e personagem do cinema pós-moderno*”, seguem rastros presentes no artigo anterior. Os autores nos mostram que uma ênfase da pós-modernidade seria perder de vista o real. Essa perda seria, inclusive, imprescindível em uma condição de dissolução do mundo moderno. Nesse esgotamento melancólico, a realidade é incompreensível. O artigo promove uma interessante leitura do filme “A casa vazia” de Kim Ki Duk, colocando-o em jogo com o videoclipe “O salto”, da banda pop carioca “O Rappa”.

Fechando esta apresentação e também o dossiê da Revista está o artigo de André Pietsch Lima, chamado “Olivier Messiaen, ritmicista”. Nele o autor, a partir da obra do músico que confere título ao artigo, mostra uma forma de pensar o ritmo: como variação perpétua. Interessante paradoxo, a música considerada rítmica pelo artista era justamente aquela em que, para ele, faltava o ritmo. Essa forma de escuta se debela com os valores demasiadamente conhecidos e regulares. A irregularidade rítmica teria uma inspiração nos ritmos sonoros da natureza. O ritmo, aqui, em sintonia com os textos anteriores dessa terceira costura, como um mundo de criações, de fluxões, de inventividades.

COSTURAS E TEMPOS DE OUTRAS LEITURAS

Espero que este dossiê chegue em suas mãos caro(a) leitor(a) e o/a permita, agora, tecer uma costura singular dos textos eleitos por entre um silencioso e introspectivo (mas não desacompanhado) momento de leitura. Que os pensamentos gerados possam lhe movimentar desejos de outras escritas mais sobre, ou com, ou por entre, estes tempos pós-modernos de outras hibridações, sutis controles, criativas invenções, múltiplas leituras, potentes escritas, generosas convivências.

Uma excelente leitura!

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio do Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

JAMESON, Fredric. **Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-Moderna**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

